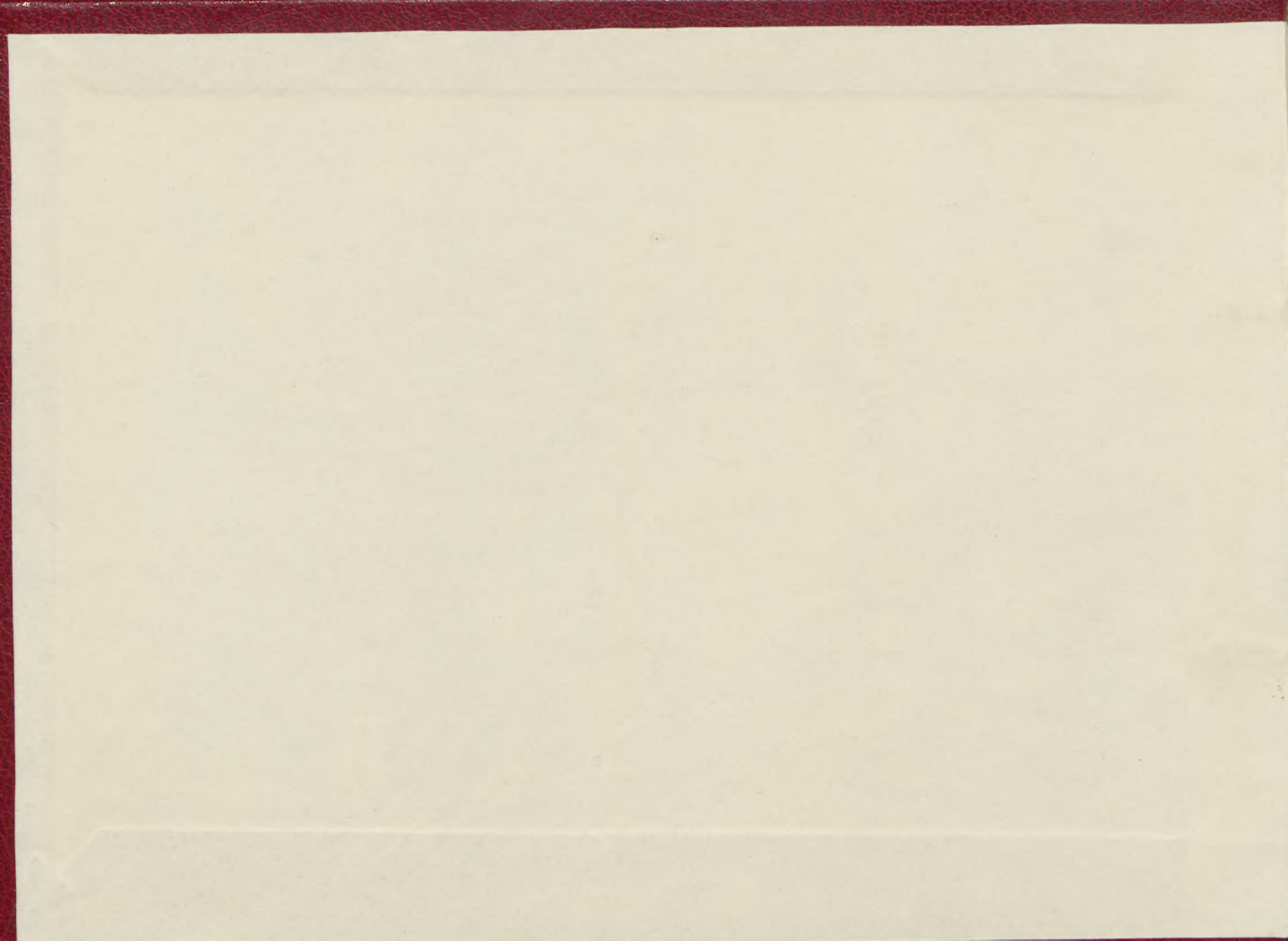


83



~~V. 119~~
álbum

dos finalistas de



3947

ciências

económicas e financeiras

1938

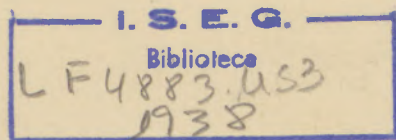




A' Biblioteca do
Instituto Superior de Ciências
Económicas e Financeiras
Off. a Comissão

em Junho de 1938

~~V.
149~~



3947



~~149~~



Aos nossos pais

Às nossas noivas



Aos nossos amigos

LIVRO DO CURSO



*Livro do Curso, Sacrário,
É fiel documentário
Que nos fala ao coração.
À nossa mente allora
E fica p'la vida fora
Como sã recordação!*

*Guardai-o bem num cantinho.
Com muito amor e carinho
E reservai-lhe uma prece.
Cheio de graça que encanta,
A sua beleza é tanta...
Que jamais desaparece.*

.....

*Livro do Curso, Sacrário,
É fiel documentário
Que nos fala ao coração.*

Versos de Teodorico Pimenta



1910-11

1. The first part of the book is devoted to a general survey of the history of the subject, and to a discussion of the various theories which have been advanced to explain the origin of the subject.

2. The second part of the book is devoted to a detailed examination of the various theories which have been advanced to explain the origin of the subject, and to a discussion of the evidence which is available in support of each of these theories.

3. The third part of the book is devoted to a discussion of the various theories which have been advanced to explain the origin of the subject, and to a discussion of the evidence which is available in support of each of these theories.

4. The fourth part of the book is devoted to a discussion of the various theories which have been advanced to explain the origin of the subject, and to a discussion of the evidence which is available in support of each of these theories.

ABERTURA



Partir só?

Ninguém parte abandonado.

Cada um que parte leva consigo

Desejo, Esperança, — Sonho:

E, mais que tudo isso,

A certeza de chegar.

Contudo, quem parte

Ignora o seu Destino.

E parte...

E parte sem hesitar:

Nisto reside o segredo

Dos que querem triunfar...

Versos de João Patrício

Afonso Furtado da Costa

Afonso, meu bom amigo,
A poucos dias da separação
Eu sinto a comoção
A embargar-me a voz.

Já não consigo
Apresentar-te às damas e varões da nossa terra.

— Bem. Imaginai, todas vós,
Senhoras, um moço discursando na tribuna dum comício ;
Um mar de gente imenso a agitar-se em bulício...
(Sopeiras, toureiros, jogadores e derivados — tudo do mais fino,
A aplaudir o Afonso).
Junto do rapaz o *reverendo* Lino
Com gestos de ameaça :
«Faça favor, bem vê...
«... Assim, na minha cadeira já não passa!...
«Aqui, só Deus ou um milagre o poderá salvar!»

.....
Ano após ano, o pobre do Afonso
Sempre a baquear.
«Senhor!... ensaie no carvão a reacção d'Héppar!»

.....
A todos êle tem vencido,
Co' excepção do Lino e do Wilfrido.

.....
— Adeus, dr. Afonso, adeus ;
Aceita um abraço e recomenda-me aos teus!



Afonso Patrício Gouveia

FREQÜENTADOR, ASSÍDUO, DA BÊNARD,
DO GOLF DO ESTORIL E DAS PARADAS,
'INDA LHE SOBRA TEMPO P'RA ESTUDAR,
'INDA LHE FICA TEMPO P'RÁS TOIRADAS!

CONJUGA MUITO BEM O VERBO AMAR,
E, HÁ QUEM DIGA ATÉ QUE A NAMORADA
QUE ÊLE TEM AGORA... É SÉRIO, É P'RA CASAR;
MAS SE É VERDADE OU NÃO . . . EU NÃO SEI NADA.

Escavaca



Alberto Jerónimo da Silva

CERTO DIA PREGUNTARAM AO ALBERTO,
DIANTE DE TODA A GENTE,
A ALTURA, O PÊSO E IDADE, (AO CERTO);
O NOME DE SEUS PAIS...
DE QUAL DELES GOSTAVA MAIS,
TUDO ISTO MUI SINCERAMENTE.

A CADA FRASE, UMA RESPOSTA PRONTA
O JERÓNIMO ÍA DANDO COM RIGÔR.
MAIS PREGUNTAS... «O ESTADO DO SENHOR
«À FACE DO DIREITO PORTUGUÊS?
«DE NOTAR A EXCLUSÃO DA VIÚVEZ.»
... P'RA FAZER A FICHA ATÉ O FIM.
«ENTÃO, É SOLTEIRO OU CASADO?
«OU TEM O ÚLTIMO ESTADO?...»
—XOLTEIRO?!... IXO, IXO, XOU, XIM!



Vadocha

Alberto de Oliveira Dias da Costa de Araujo Lima

Esta apresentação é importante.

Senhoras de Portugal,
principalmente morenas!

Tendes aqui o Adónis
das Ciências Económicas,
o tipo do homem de sala,
mas que também bate a pala
nos terços da Legião!

Que traz a espada ligada
directa no coração...

Eis aqui o homem da cidade,
muita linha no vestir
e manha no conversar...

O sonhador de embaixadas
abertas p'ro receber
quando, amanhã se formar

Aqui tendes o bravo nacionalista
que *à causa* muito tem dado
da sua sã energia.

Que é oficial afamado
da valente infantaria!

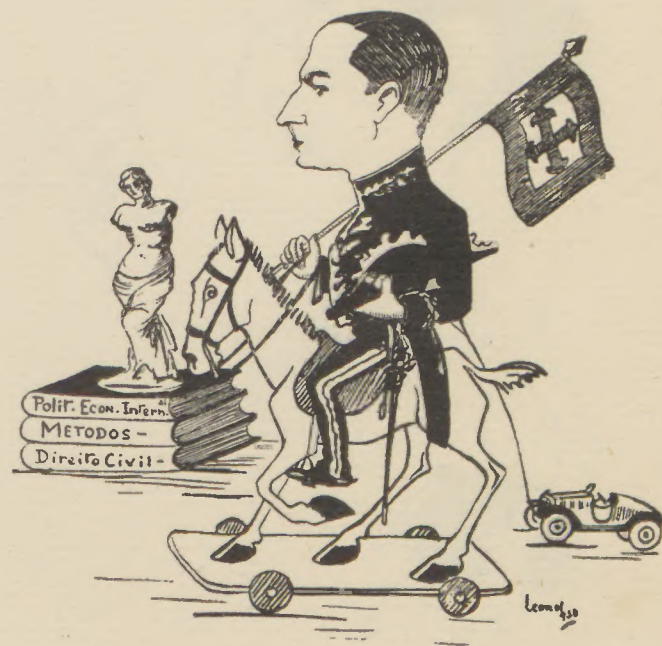
De comidas,

é doido por *marmelada*
desde que seja bem feita.

È cavaleiro elegante
mas volante desgraçado
o cavalo ainda aguenta...
o carro só esbarrado...

Dança tão estilizado,
com um ar tão apurado,
que nem se sabe se é dança
se andar de apaixonado...

Nos exames é uma barra
e fã-los com toda a prôa!
Do Porto ninguém lhe fale
a sua terra é Lisboa



João

Alfredo Fernando Nunes Sampaio Ramos

Eis Ramos... optimista, jovial e sempre alegre;
Patrício perante o Corpus-Cristi —
Na...do e criado em Portalegre...
Largando o portalegrense cueiro natalício
E com a sêde d'aventuras de qu'os luzos fazem vício
Gardou em Leiria o coração e partiu...
Correu terras mil, campos sem fim e viu
Lisboa, «A Bela», acalentando no seio as fatais Ciências,
As Letras, Futebois, «Vanisices» e outras sapiências.

O nariz não o deixava «futebolizar»;
As luzes do palco lhe faziam mal á vista.
Letras — nada devia — não tinha q'assinar;
E um prato de Ciências procurou na lista.

Escolheu; hesitou... consertou a cadeira
E acabou por apontar — Económico — Financeira.

Estudou e aprendeu com o «caco» que lh'é peculiar
E êste ano triunfante, as Fitas vai queimar.

P. S. — Às meninas que folheiam êste livro
Como se fôra um catálogo de noivos, para escôlha
Maldosamente, se podia aconselhar
Que dessem preferência a êste exemplar.

Mas, com a lealdade que é apanágio meu,
Previno Vossas Excelências
Que êste doutor em Ciências,
A quem gostareis d'afagar a narigueta,
Por outra já foi escolhido.
Certamente que por descuido seu,
O caricaturista illustre se esqueceu
De pôr a indispensável taboleta:
"Amostra a Retirar. Comprometido"!



Alvaro Libânio Pereira

Libânio é grande, afinal !
saibam todos
que Libânio é já doutor.
Possui um grande tesouro :
um canudo doutoral
e sabedoria a rôdos !

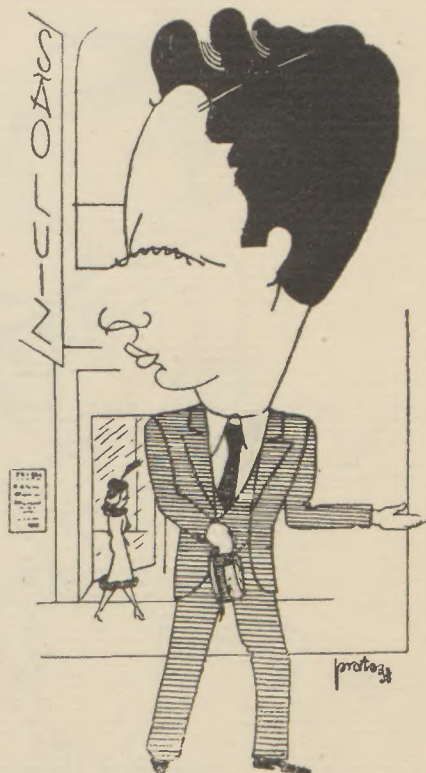
Libânio é grande, afinal !
Como tal,
em tudo aquilo que é seu
pôs um ar de distinção.
É vê-lo :
na mão — formoso chapéu
nos pés — meias de «cardeal».

Libânio é grande, afinal !
No jornal,
que lêmos
já o vemos retratado :
Qual ilustre... cidadão,
que a Nação
rende preito devotado.

Libânio,
em pudor,
no mundo não tem rival.
Gosta muito de cinema ;
Tem a verdade por lema
— : Libânio é grande, afinal !

— «Eis um marido ideal !...
(gritam todas as pequenas,
sejam loiras ou morenas),
...outro não há igual.»
É um portento — em suma,
êste senhor doutor !
Não há donzela alguma
que o prenda no... *amor.*

Pois, s'ó vosso seio virginal,
Vossas graças feminis
conseguem-no perturbar ? !
Ao primeiro contacto mórno,
É vê-lo fugir ao... tórno,
Mãos juntas a implorar,
Num gesto teatral :
— «*Tenham dó !... que me faz mal.*»



Alvaro dos Santos

Pequeno, cabisbaixo e carrancudo,
O riso raras vezes traz consigo,
Só no futuro, sisma êste sisudo,
Da vida turbulenta é inimigo.

Um doente, coitado, doi-lhe tudo
Nas redondezas flácidas do umbigo,
Mas anda nêdio o raio, anda chorudo,
Êle que de boa lasca é bom amigo.

Sempre rendeu a Minerva grato aprêço,
Êste novo doutor, 'studante insano,
Qu'inda há-de ser a glória do seu bêrço.

Porém, ó Vila Franca, ouve uma cousa,
Anda, mostra-nos que és ribatejano,
Bandarilha-me já essa raposa ! . . .

Leal amigo



António Carlos Neves de Sousa Leal

Meu caro Sousa Leal que vais partir
Tão cedo do Instituto satisfeito,
Que Deus junque de rosas teu porvir
E uma medalha ponha no teu peito.

Que tu bem na mereces possuir!
E só o que eu lamento é não ter jeito
Para nêste soneto te exprimir
De teus colegas o sentido preito.

Porque jamais a ajuda que lhes deste
Pod'rá ser olvidada, mercê d'alta
Ciência que nas «folhas» nos cedeste.

Queira Deus recuperes ora a falta
Das dezenas de quilos que perdeste
A fazeres sebatas para a «malta».

R. Nane



António Corvêlo d'Avila

Prestando contas a Minerva um dia,
Que jamais da memória há-de passar,
A deusa a transbordar sabedoria,
Quiz-nos de horrendo chumbo dispensar.

Quatro anos são volvidos à porfia.
Quatro anos as sebatas a «empinar»,
Quatro anos a «marcar» Economia,
Quatro anos pela Química a soprar...

Mas, tu, da ciência financeira,
Te vais ora ocupar com grã desvêlo,
Inda hás-de ser a glória da Terceira,

Como o foram os Bravos do Mindêlo,
Dessa Ilha, entre tôdas a primeira...
Que foi bêrço de herois... e do Corvêlo!!!



António da Costa Moraes

Tlim!... Tlão!... Tlim!... Tlão!...

Soou a hora do canudo d'oiro

E a incerteza de ganhar a vida.

(A todos mata a ingratidão, devida
a quem possui talento imorredoiro!)

Enquanto moço-teve na mente as suas ilusões...

E junto ao peito muitos corações.

— Agora que fazer?

(Triste futuro de qualquer doutor
que o mundo viu nascer).

P'r'ás amarguras ainda tens recurso:

A cama, o natal — torrão

E beber a cada almoço um litro de *pifão*!...

— António amigo, não vale esmorecer

Do brioso nortenho.

Ainda te hei-de vêr,

À porta da tendinha,

(apontando a chapa de seguros contra riscos)

(e no fundo da arca um capital honradamente ganho);

A vender canecas de mariscos

E apregoar:

— «Vinho do Porto, aos litros & quartilhos.

— «Exigir a marca: *Moraes & Filhos*!»



COSTA JÚNIOR.
LIX-938

António Manuel Carregal Corrêa da Silva

D'rás Senhoras todo medidas,
Êste moço tem encantos,
Pois nas suas aventuras,
Ainda lhe ouvem os cantos.

Mas coitado é ter dó!	De maneiras Inglesas,
O que êle quiere é falar,	Guarda-sol enroladinho,
Falar, não p'ra dar o nó	Ê vê-lo cheio de certeza,
Pois é cedo p'ra casar!	Dentro do seu colarinho.

E lá vai nosso Doutor,
Co'o cachimbo a fumegar,
Trabalhando com ardor
P'ra a diplomata chegar.

Mário Mota



António Manuel Pinto Barbosa

ANTÓNIO! — não é o santo
nem o eminente estadista! —
Qual santo!... pode lá ser!...
Mas juro que não me espanto,
Que não se me turva a vista,
Se o vir, um dia, no entanto,
Nas cadeiras do Poder.

Tem o poder do talento,
o poder da sabedoria,
do bom-senso e do bom tento,
E, se lhe assopra bom vento,
Se se livra à calmaria,
Julgam que se faz *barqueiro*?!...
Ora!... quer'coisa melhor!:
Um Banco — *de carpinteiro*... —
E fica PINTO... maior...

Na música é um demónio...
Tem ouvido, gosto e *garra*...
Toca tangerinos em armónio,
Toca fados à guitarra
e, como qualquer mortal,
Toca rádio... menos mal...

Sem as loucuras do estroina
— que não é o que mais gosa! —
Quando se mete na moina,
Nosso Amigo BARBOSA,
se anda com certos meninos,
Não há ninguém que o não veja,
Sentado, ao bar do Gambrinus,
A atestar-lhe... na cerveja.

Arrasta um pouquinho o R...
— nem é defeito, que conte —
Mas seja pelo que seja
Não é questão de cerveja...
Porque atraza o R, na mesma,
quando bebe água da fonte...

Não sei lá se sente amor
por alguma rapariga!...
Mas seja lá como fôr
Não serei eu quem o diga.
Quer Pulquéria, quer Maria,
deixo isso à fantasia
do leitor.

Lemos Mourisca



Antônio Ramos Luelmo

— Eu creio, sim, num Deus, espírito soberano,
De tudo criador — do verme ao ser humano,
Que deu a luz ao Sol, e pôs no prado a flôr,
Enchendo os corações de eflúvios de amôr
e as almas de saúde.

Mas eu não creio, não, Luelmo amigo,
Que possas vir um dia, (acredita o que digo),
A ser de Málaga Cônsul ou rei de Samotrácia...
(Apesar de seres D. Juan numa farmácia)
...Haja moralidade.

Senhoras tenham pudor,
Não se fiem em cantigas,
Nem apresentem amigas
A êste senhor doutor.

Sua vida é um horror...
(P'las ricas almas minhas),
Nunca vi tamanho ardor
Em raptar *criancinhas*.

Vadocha



António Simões Leitão

Reparem bem, senhores, neste rapaz :

A tapar a pele, camisa de dormir ;

Pés descalços — o que nos faz sorrir . . .

A não ser que seja o próprio Satanaz.

Assim, Deus nos livre, pois é mui capaz

De aparecer na Escola, o *traste*, a fingir

de louco. E depois fazer tudo fugir

Para não morrerem às mãos do . . . ferrabrás.

Haja calma, senhores, visto o Leitão

Ser ajuizado e ter bom coração.

— Vá, arredai toda a desconfiança . . .

É dos melhores amantes das flôres,

Dos campos e do Sol. Os meus louvores :

Bucólico e doutor — feliz lembrança !



Armando Capucho Paulo

Ninguém o pode bater
Quando começa a estudar
Com entusiasmo, afã,
Tem um método sem par
Se se trata de aprender
A estranha língua alemã.

Se na rua, a passear,
Qualquer rapariga vê,
Tem no corpo não sei quê
Que o não deixa socegar.

Não se limita a olhar,
Pois ha um poder mais forte
Que lhe faz perder o Norte
E o impele a... tocar.

O comboio de Queluz
Muitas vezes não tem luz:

Então, já fora de portas,
A um cantinho encostado,
Êle é capaz de saber
(Notem bem, sem se mexer)
Se a vizinha do seu lado
Tem ou não as pernas tortas.

Eu sou muito seu amigo
Mas nem mesmo a minha sogra
Lhe confiava sem perigo.

Jorge Vieira



Asdrúbal Moreira da Cunha

Nos braços de Morfeu todo embebido,
Estavas, Doutor, dormindo socegado,
Ressonando em tom tão sustenido
Que deixaste o parceiro incomodado.
Com um dêdo no nariz metido,
Levantás-te e dizes: Fica combinado
Que "apropinquarei uma rafacholada"
De cabrito, uma esplêndida caldeirada.

.....
Já do estômago o clamor se sente,
Vendo um tacho em triunfo levado;
A malta, avançando, impaciente,
Garfo em riste, procura bom bocado.
Eh! "Não barcolem"! E de repente
Já se vê do tacho o fundo rapado.
E daquela petisqueira brindada a carrascão
Restam os ossos espalhados pelo chão.

A todos ali mostraste, pelo teu geito,
D'África os conhecimentos alcançados.
Ao novo Vatel rendamos nosso preito,
Que os "Ramadans" foram suplantados.
Quando fores diplomata, bem o suspeito,
Que gostarias que te fossem destinadas,
Para reatar, com boas maneiras,
As velhas relações "luso-brasileiras".

*P. S. Desculpa que te ofereça, sem mais nada,
Estes versos da idade da pedra lascada.*



Augusto de Mello Pessanha Alcoforado

Reparai bem, meus senhores;
Aqui está, o novo Doulor,
Heroi das lides d'Amores,
Ê o *Augusto*, o imperador.

Já foi grande dançarino,
Hoje recorda o Passado.
Só mantem o figurino,
O *Pessanha*... está chalado.

Instituto... que convento!
E sai d'aqui formado,
Ê êste o triste lamento,
Diz-nos o Alcoforado.

Diplomata de carreira,
Um Adonis no vestir.
Dorminhôco a vida inteira,
Pinga-amôr até falar.

Quando vê saias na frente,
Fica logo transtornado.
Nunca lhe passa pela mente,
A sina de ser «tampado».

Se o convidam para o cinema,
Prazeiteiro diz que sim.
Nêstes sítios tem um lema,
Dormir do princípio ao fim.

Muito mais havia, é certo,
A dizer dêste criança.
Que é lourinho, bem esperto
Bem feitinho, nada tanço.

A sangria terminou,
Ó Augusto, foi sem querer.
Muita coisa inda ficou,
O resto hás-de tu dizer.



Carlos Angelo Gonçalves Guimarães

Foi dando ao Curso a forma de Calvário,
Teve por Cruz um monte de cadeiras,
Teve Pilatus Rudes de maneiras
Mas terminou por fim o seu fadário.

Ê bom rapaz, mas é um pouco vário
Nos assuntos de amor, nas brincadeiras;
Com êle mais um que sai das Financeiras,
Com êle mais um que entrou p'ra legionário.

Ê tem queda p'ra o mar o Guimarães
Como a teve Fernão de Magalhães;
Do velho marinheiro êle tem o geito.

Mas ha uma diferença, lá no fundo,
Entre êle e o que deu a volta ao mundo:
O Carlos nunca quiz... passar o estreito!



Carlos Seruya

Em Finanças vai formar-se
Este colega cuidado,
Que a vida vê pelo prisma
Da Natureza e do Fado.

O curso de Agronomia
Era a sua vocação,
Mas a Roda da Fortuna
Tirou-lhe tal ilusão.

Nos estudos é feliz
Com o 13 do azar...
Porque em tôdas as «cadeiras»
Um 13 há-de «arrancar».

É amigo de passeios,
De colecções e «piadas»
Os bons livros aprecia
E o oiro das lombadas.

P'ra que possa ser saudável,
A sua vida é regrada
E procura criar fôrças
P'la raquete e p'la espada.

Logo que as aulas acabam
Já tem destino marcado,
Pois passados curtos dias
Temos que vê-lo embarcado.

Vai em busca d'outro clima,
D'outra civilização,
Mas volta um mês depois
À Pátria do coração...



Cesar Pacheco

Meu caro Cesar:

Em primeiro lugar,
e p'ra descanso dessa lma atribulada,
desejo qu'esta t'encontre, no teu lar,

Cheio de saúde, como a esposa amada,
e a tia. Estendendo os votos ao «Sultão».
Que, quanto a mim, vou na forma costumada.

¿ Então, amigo, como vai o coração?
Desejo, que dêle, tenhas passado bem;
Pois, é o órgão de maior estimação.

Agora, e na Primavera, — ao que vem
êsse teu corpo em «fatiota» de banho?
P'ludo, como és, deves assustar alguém!

Estou já no fim — e se m'apanho
nalgum lugar chorudo, (vários emprêgos
como os teus), serei um fidalgo d'antanho.

Um homem feliz — qual novo Cadaval!
Um novo *soba* na nossa pobre terra...
C'o a ilusão de... reinar em Portugal.

Infelizmente, devo ficar p'la serra.
(E como tu, ter pap'lada com projectos...)
A desenhar, em vão, os campos que aterra.

A minha edilidade. F'turos aspectos
surgem aos olhos de todos os sensatos!
— Assim, sim!... até regozija os insectos.

Bem! Não passem a fronteira os caricatos
desejos meus. Não me quero vêr à brocha,
Nem passar por ter um *barril de boatos*!...

Bebe-lhe... que ficas rijo como rocha!
Cumprimentos aos teus. E agora aceita
Um abraço do teu amigo

Vadocha



Clotilde Rebêlo de Almeida

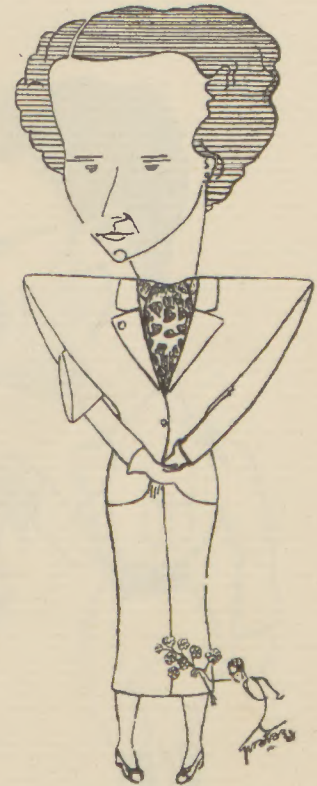
VENCI BARREIRAS MIL, SUBI MONTANHAS,
DESCI A IMENSOS VALES VICEJANTES,
ATRAVESSEI DESERTOS ESCALDANTES ...

LUTEI CONTRA OS ABISMOS MAIS PROFUNDOS,
OFUSQUEI AS ESTRÊLAS, PISEI MUNDOS,
SEM ME ASSUSTAR NAS TEM'ROSAS FAÇANHAS.

PERSCRUTEI GEMIDOS. FÊ REDENTORA !
CRUZEI A TERRA DOS POLOS AO CENTRO.

VI TUDO . . . E JAMAIS VI, NUMA DOUTORA,
AS MÃOS CRUZADAS E OS PÉS P'RA DENTRO !...

Vadocha



Eduardo Antonio Capucho Paulo

Já lá vão vinte anos... De alegria
Repicavam os sinos em Queluz,
Para dizer que o Becas, nêsse dia,
Pela primeira vez olhara a luz.

.....

Vendo-o torcer às mulas as orelhas
Anos depois e já na tropa então
Coravam de prazer as praças velhas
Dignava-se servir o capitão.

Nunca se atrapalhou ou fêz asneiras,
Até hoje só fêz boa figura,
Pois êle até passou uma cadeira
Onde só foi... no dia de abertura.

Mas uma tarde a bola foi jogar
Para vêr se, correndo, conseguia
Embora tendo muito que suar,
Diminuir a barriga que crescia.

Não têve um resultado favorârel,
Nêsse dia o Destino assim o quiz;
A barriga ficou inalterável
Aumentou-lhe porém muito o nariz.

À noite em casa fingiu estar a lêr
Muito escondido por detrás da estante,
Não fôsse o bom pai Paulo olhar e ver
Sentado, em vez do filho, um elefante.



Jorge Vieira

Eduardo Ernesto Empis

Sentei-me num pedestal
Que não vai a terra, ai, não !...
Quem quizer furar depressa
Faça assim à Instrução :

Trepe nela, e lá sentado,
Sem nada de contradansas,
Veja se pêsca o lugar
De Ministro das Finanças !...

A caça é mais acertada
De cima do pedestal...
Nunca poupei cinco reis,
Mas isso não fica mal !...

Dizem-me um *namorador*,
Mas não deve ser assim !...
Quem me namora são *elas*,
Porque *elas* gostam de mim !...

Sou *maluco*... É um reclame
Que traz muita frêguesia !...
Sem maluqueira, onde viram
Reinar perfeita alegria ?

Só estudo mesmo ao fim,
Com os actos a rebentar ;
Nessa altura, com saúdades,
Fartam-se *e/as* de chorar !...

Oito cadeiras num ano
É de a gente elouquecer !
Quatro Contabilidades,
Porque mais não pode haver !...

Meninas, rezem por mim,
Que se ficar aprovado,
Nunca mais as tardes passam
Sem eu 'star ao vosso lado !...



Eduardo Falcão

De sua casa... o Eduardo,
Que tem por apelido Falcão,
Menino e moço foi levado
Em tempos que já lá vão.

Ainda imberbe conquistou
Aquele amor que hoje é seu,
E por tôda a parte em que andou
Raramente o esqueceu.

Fiel, constante, pois vê-lo :
Atesta a descendência de Adão,
Dos pés à cabeça é tanto o pêlo
Que até tem pêlos na mão!!!

As pestanas cresceram-lhe a estudar
Nas longas noites de insônia,
Nêsse químico batalhar
De azotes, coentros e amônia.

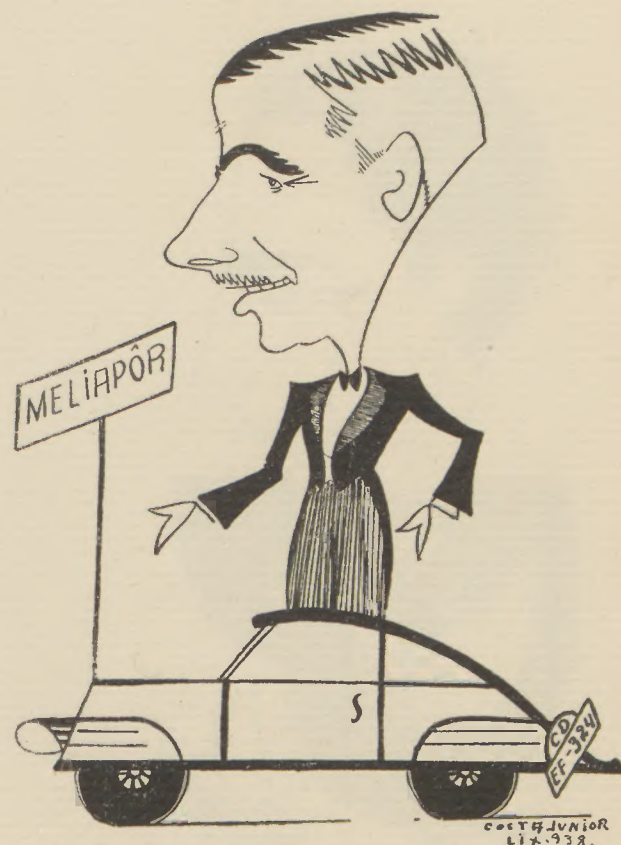
Como prêmio êle procura
Construir os santos laços :
Mas, como essa diabrura
Exige fartos *bagaços*,
Resolveu-se a procurar
Em "econômicas e financeiras"
O remédio para engordar
A física das algibeiras.

Vê-lo-heis em reino oriental
Sorvendo forte Maná :
— Representante de Portugal
Junto da côrte do Pachá !

Inda o Eduardo
Ê mui notado
Por ter um auto, um carrão
Que parece uma santóla,
E onde talvez se porão
Trinta crianças de escola !!!

Ou, quem sabe lá,
Talvez em Meliapôr
Êle *enraizará*
Enchertado em Embaixador.

Pidwell da Costa



Eduardo Ferreira Junior

Reparai pequenas, que êste livro lerdas,
Na expressão de sábio, que o seu rosto atesta :
As olheiras fundas, arroxeadas, verdes,
Olhos negros, piscos, como o douto Aslerdes,
Nem lhe falta a ruga habitual da testa.

Mas tomai, leitoras, o maior cuidado,
Desviai depressa os vossos lindos olhos.
Ai de vós, senhoras, basta um só bocado
P'ra lhe dardes logo o peito apaixonado
— Que êle junta aos outros que lá tem aos molhos...

Ê que o seu olhar é complicado induto
De galã, de sábio, de conquistador,
Onde o amor se encontra misto num soluto
de *bastite* em pó, de *ferreirite* em bruto,
Com *linite* branca e outros sais de *côr*.

E quando êle fala leva tudo à certa,
Com histórias sempre a todos nós comove,
Mas vos dou conselho que estejais alerta
E à cautela deixem a janela aberta
(Que não é por mal. Ê só p'ra vêr se chove...)

Fácil é acharmos as razões fatais
Que ninguém resiste à sua prosa sábia :
Jornalista fôra, e já não sei que mais,
Escreveu arligos em cem mil jornais
E daí deriva tôda a sua lâbia...

E por isso eu tenho formidável crença
De o vêr inda cônsul ou embaixador,
Percorrendo o mundo (mas com grossa tença !)
Vendo o seu retrato cá na grande imprensa
Com a cruz dourada de comendador.



Eduardo João Pereira de Figueiredo Lory

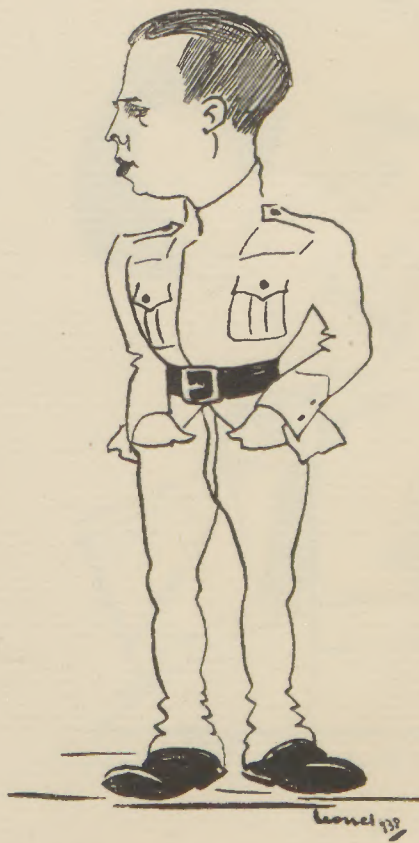
QUANDO FAZIA SERVIÇO,
— AINDA HÁ POUCO, ÊSTE VERÃO —
AOS SABADOS, AO SERÃO
LEVAVA ESTRANHO SUMIÇO.

FUGIRIA POR ENGUIÇO ?
NÃO, NÃO ERA ESSA A RAZÃO;
ESPERAVA-O OUTRO CORAÇÃO
JUNTO AO MURO DO DERRIÇO.

POIS NÃO PRETENDE ALCANÇAR
O PODER OU O DINHEIRO.
QUERE TER UM LAR, UM CANTEIRO...

E, NA VIDA, CAMINHAR
PELA MÃO LONGA E MACIA
DA SUA LINDA MARIA.

Jorge Vieira



Eduardo Nogueira Vaz

Na sua casaca bem talhada
Eis aqui o homem d'amanhã.
Fino porte, digno d'embaixada,
Reúne à cultura, uma alma sã.

Dizem qu' é um pouco egoísta
Se querem vê-lo, venham aos salões.
Elegância de gesto que conquista
Ainda que os mais frios corações.

Em tudo gosta de diplomacia
No trato, no vestir, na discussão.
E quanto ao frágil sexo dizia...
«D'ra mim não ha bela sem *senão*».

Conhecedor profundo do francês
Talvez por ter nascido em Paris.
Tem também simpatia p'lo inglês,
E é muito senhor do seu nariz.

Os tempos levaram-lhe cabelo
Ficou a inteligência que seduz.
E mesmo que fique sem um pêlo,
Êste homem irradia sempre luz.

Quanto a desportos sempre foi um áz
Mas nunca passou da teoria.
O que devia fazer nunca faz,
Perdão... o automóvel já guia.

E se porventura se embrenha
Em qualquer violenta discussão.
Não admite réplica estranha,
Só êle e o Pápa têm razão.

Doutor, vais entrar na vida séria
E tens a bôa estrela no caminho.
Deixa correr a vida qu'ê uma léria,
Aceita dêste amigo um abracinho.



Eugénio Val

Eduardo de Oliveira Martins

Pediú-me que traçasse o seu perfil
num poema de subtil caricatura.

— Mas cança-me um bocado ser subtil
e antes vou dar-lhe uma descompostura...

Então você, que é alto, espadaúdo,
campeão de *basket-ball*, *foot-ball*, *hand-ball* —
— e outros desportos em que bóle tudo —
você que tem vitórias infinitas,
não se envergonha de morder no anzol
e andar por êsse mundo a fazer fitas?
Se as faz uma menina desprezada
que não domina impulsos de paixão,
eu percêbo-a, coitada.

Mas se vejo que as faz um campeão
de *rugby*, de *ping-pong*, de natação,
— já nem percêbo nem desculpo nada.
que outras «fitas» secretas, astronómicas,
o levam a perder noites inteiras
nos meandros das Ciências Económicas
...e Financeiras?

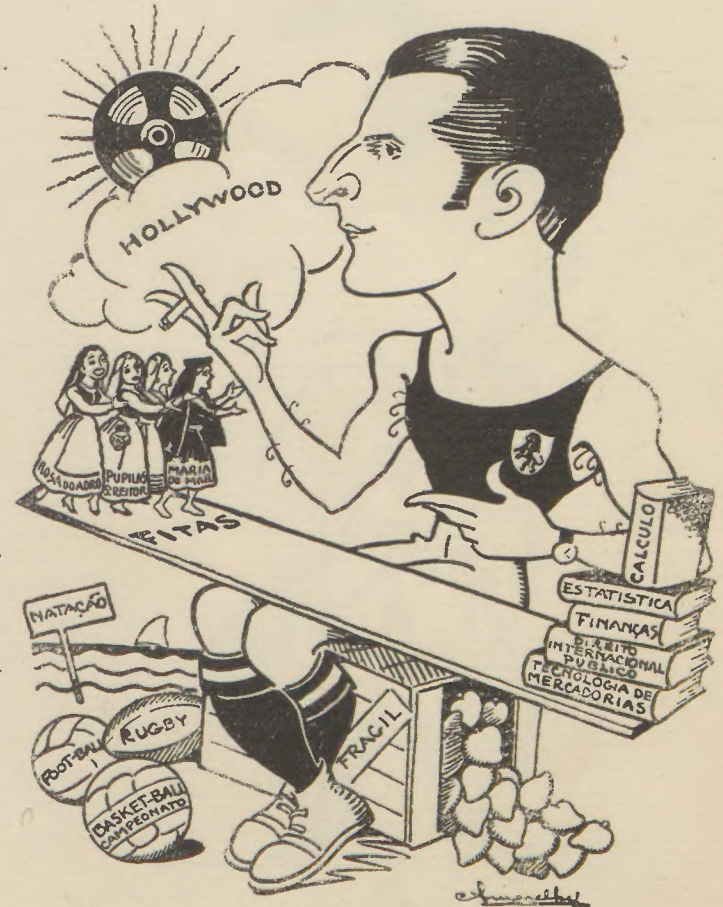
São fitas? Fitos? — As secções são quatro
segundo as regras do programa,
mas menos divertidas que o teatro
mesmo para quem estuda pela rama.
A força de sebatas e sermões,
na Secção Consular talvez aprenda
a não desconsolar os corações...
(não é má fita, e é bonita prenda).
Na de Finanças, ouvirá decerto
o que já era ciência dos antigos :

— que o nosso capital vai parar perto
se a gente empresta «massas» aos amigos.
Na Aduaneira, outra fita: — o ensinamento
de que o viver humano é uma Alfândega :
— É contrabando o sentimento,
e paga pautas máximas a pândega.

Pela Administração Comercial
colheu outras noções fundamentadas :
— no mundo tôda a gente faz o mal
e tôdas as «partidas» são dobradas.

Se a *Maria do Mar* voltasse ao mundo
vencendo areias e galgando escolhos,
se pudesse contar por um segundo
aquilo que avistasse com os olhos,
e se as *Pupilas do Sr. Reitor*
mais a *Rosa do Adro* a acompanhassem
tôdas as quatro, trémulas de horror,
Oliveira Martins, — talvez chorassem
vendo-o agora tornado estofador,
que êsse é o seu destino. Estofador
ou marceneiro, se quizer; não sei
que na vida, ou na lei,
seja indicada outra designação
de formas e feições mais lisongeiras
ao nobre cidadão cuja missão
é simplesmente... a de *fazer cadeiras*.

Diverte-me pensar nas quatro, aflictas,
apoquentadas, tímidas ovelhas,
sem verem que se trata de outras fitas...
Afirmo-o ! e não levante as sobrancelhas.
Você frequenta assiduamente o Quêlhas
porque é um sucessor dos jesuítas.



Tomaz Ribeiro Colaço

Eugénio Marques Ferreira Alegria

Dos livros ergue a grenha lusidia
P'ra contemplar as lebres e os pardais
Ora estudando em casa noite e dia,
Ora alirando às rolas, nos pinhais...

As sebatas, em *bonecos* traduzia
Carpindo sempre a crua sorte dos mortais
Que da vida sentem a triste nostalgia
Obrigados a *empinar* e... nada mais!

Mas enfim, à mesa; oh que *alegria*!
Oh que aromas e sabores divinais
A *verve* brota até em demasia
E mesmo a *sopa* recebe madrigais...

E que amor de *realejo* não se ouvia,
Sobre as *fitas* e as loiras vamps, *bestiais*
P'ra lhe dar corda, nem um tostão se dispendia
E era *cinema* a prestações... bi-semanais!

E assim ditosa a *malta* adormecia,
Embalada em *larachas* tão joviais
Mas que enfadonha a nossa vida não seria
Se nos faltasse o *velho* Eugénio e... os *metais*!

Do louro o ramo; com que fragor lhe oferecia
Se êle não fôsse o ornamento de mil portais.
Doutor amigo, desculpa enfim a ousadia
Dos versos meus, tão probresinhos, até não mais...



Fernando Diniz

Já com idade para juízo
Deu-lhe para tirar o curso
Em que além de prejuízo
Esteve prestes a ser urso.

Não foi, nem podia ser
Porque para tal se dar
Muito havia a padecer
E muito a sacrificar.

Conseguirá ser doutor
Guardar a «carta» num canudo
Ou se a cousa se compôr
Tornar-se um verdadeiro faz-tudo.

O nosso amigo tenente
Depois de tanto se estafar
Por acabar está contente
O curso da Secção Consular.

Ego



Ramondo Dini



Il mio nome è Ramondo Dini
e ho 35 anni. Sono nato a
Firenze il 15/10/1928. Ho
finito la scuola superiore
e ho lavorato per 10 anni
in una fabbrica di tessuti.
Ho sposato Maria Rossi
il 12/05/1955. Abbiamo
due figli: Roberto e
Francesca. Roberto ha
12 anni e frequenta la
scuola elementare. Francesca
ha 8 anni e frequenta la
scuola elementare. Ho
una casa a Firenze e
una macchina (Fiat 500).

Francelina Gonçalves Rodrigues

Nem é baixa, nem é alta,

Nem é loira em demasia.

No dizer de toda a malta

É «girl» de fantasia.

É doutora nas finanças,

E também lá na pintura.

Conhecedora de danças

E mamãzinha futura.

É vê-la de branca bata,

Paleta de frêscas côres.

A paisagem que retrata

É ramalhete d'amores!

Chove nela tanta graça

E no rosto formusura :

Que toda a gente que passa,

Ao vê-la, logo murmura.

.....



Francisco do Couto Fontes

D'ra Lisboa, confiante,
Veio o Fontes, saltitante.
Mas a vida de estudante
fê-lo pensar: quero mais,
Quero dinheiro, coisas e laís...
E fugiu para Cascais.

É público funcionário,
Vai juntando numerário,
Vai estudando no «Diário
do Governo» as leis com tento.
E pensa, com certo alento,
No seu f'turo casamento.

.....

E tanto pensou — coitado!...
Que o serviço do Estado
ficou por ser... registado.

.....

É doutor já nas Finanças;
Grande *mago* em contra danças...
Pois fez crescer «abastanças»
E aumentar mais as «rendas».
D'ró casório aceita prendas.
—: Quem lhe dá mais oferendas?

— Casa Fontes! Fazes bem.
Mas não digas a ninguém?!

Q. E. D.



Hernani de Barros Bernardo

É vê-lo sempre na brôa,
V'lumosa pasta à ilharga ;
A cabeça, nunca a larga,
Mesmo a fazer tudo à tôa !
É partidário da lôa...
Também *soba* em geografia ;
'Presentarvos, pois, devia,
Como iminente pessoa.

Tem louvável *ar* senhoril :
Chove nêle graça tanta,
Qualquer coisa que o encanta
Às lindas dama do'storil.
Tem amado a mais de mil !
(Tudo modos enganosos...)
Gabando os «feitos famosos»
Em louco estado febril.

Em ciência, é de temer.
Agora o nosso doutor
Novos cartões vai fazer :
«Bernardo — ex-director (?)
«De económica revista ;
«Rapaz de muito valor».
— Já não ha quem lhe resista ...
— E mais não vos sei dizer.



Hugo Jorge Vieira

Não és o célebre Hugo dos «Miseráveis»,
Poeta da vida, da morte e do amor!,
Mas sim aquele que, em versos memoráveis,
Nos cantas com arte, graça e calor.

De aviões, autos, motores inflamáveis;
Conheces o dono, marca e constructor...
Para ti são as *Línguas* ingramáveis,
Decerto por lá téres «Lente Cantor»!

E quando já nas Finanças labutando,
Não esqueças do violino a arte mestra,
Numa sonata de Grieg vai recordando,

Sem que o arco tremule na tua dextra,
Aquêles ramos de rosas qu'ias levando
A uma gentil Dama... lá da Orquestra!

A. P.



Ilídio Fernandes Corrêa

Aqui tendes mais um que se formou
À custa do paizinho mais do avô.

Agora prontinho, anda a procurar
Uma pequena rica p'ra casar.

Se alguma das leitoras fôr solteira,
Dou-lhe um conselho meu (não sai asneira...):

Escrevei para a terra, lá no Norte,
Se desejardes ser sua consorte.

Mas mandai um retrato convincente
Porque em coisas d'amor é exigente.

Ele é um pouco magro, esguio, louro,
Com olhos azulados — de bezouro.

No cérebro uns miolos fosforados,
Fortes, piramidais, vitaminados,

E tem sempre a propósito uma Idéa,
A que não faltam certos grãos de areia...

Hegel, Carrero, Freud e Pascoais,
Eis os autores que aprecia mais,

E de tal modo os lê, que essas teorias
Nos pretende impingir todos os dias.

Tem o curso com média colossal,
Apenas embicou com a *Pautal*.

O senão que lhe encontro, e não é perda,
É uma cicatriz na testa, à esquerda.

Foi sorte. Deus podia ter gostado
De pôr mais um sinal do outro lado.

Ele que dêste modo o assinalou,
Decerto algum defeito lhe encontrou...



E. CORTEZ
XXXVIII
LX.

Joaquim Fernando da Rocha Ferreira Baptista

Não vem na nau Catrinela
Mas tem muito que contar
O *pescador* da Murtosa
Que acaba de chegar.

Passou os anos precisos
Na capital a estudar ;
Não tinha mais que fazer
Acabou por se formar.
Deitou sortes à ventura
Quem havia d'assassinar
Logo foi cair a sorte
P'lo violão começar.
Toca, toca Baptistinha
Tua guitarra imortal
P'ra pescar tricanas d'Aveiro
E *sopas* da Capital.
Meninas, muito cuidado
Com este pequeno doutor!!...
Porque é *lacinho* perigoso
Em partidinhas d'amor.
Tem azar só a dois mestres
(Seus antigos professores)
Mas em dia de jantarada
Nem a polícia lhe escapa
Passando pelos revisores.
Quando Oficial Miliciano
Teve saída de sensação!...
Só depois d'andar uma légua
Viu, que o *Cavalo* que montava
«Não era *Burro* era... *Êgua*»!...



João António Baptista Soares

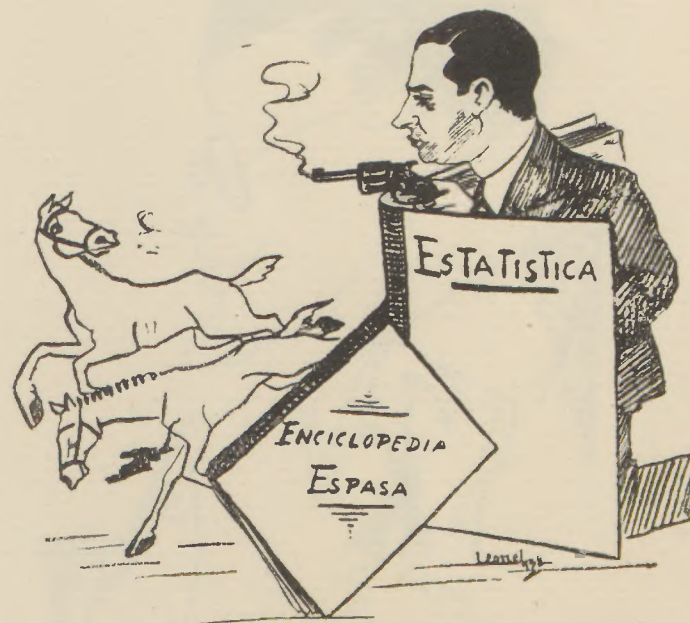
Do «Círculo de Cultura Musical»,
Amigo da «Orquestra Filarmónica»,
Considera um pecado capital
A falta a uma reunião sinfónica.

Por muito pequena que ela seja
Qualquer dúvida o faz arreliar.
Preferia antes ter a brotoeja
Do que ficar sem a poder tirar.

Sabe todas as datas importantes,
O que se fêz de tarde ou de manhã,
O que fazia Júlio César dantes,
Quando nasceram Hitler e Lebrun.

Amigo dos «Amigos de Lisboa»
Êle mete o nariz, constantemente,
No Bairro Alto, Alfama e Madragôa,
Nas Furnas de Monsanto e em S. Vicente.

Tem grande raiva à raça cavalar
Que gostaria de deixar extinguir.
Para que vale a pena sustentar
Bichos que sempre nos farão cair?



Jorge Vieira

João Antônio Baptista Soares

João Antônio Baptista Soares
Nasceu em 15 de Maio de 1910
em São Paulo, Estado de São Paulo.
Foi casado com Maria Antônia Soares.
Faleceu em 10 de Maio de 1980.

João Antônio Baptista Soares
Foi casado com Maria Antônia Soares.
Faleceu em 10 de Maio de 1980.

João Antônio Baptista Soares
Foi casado com Maria Antônia Soares.
Faleceu em 10 de Maio de 1980.

João Antônio Baptista Soares
Foi casado com Maria Antônia Soares.
Faleceu em 10 de Maio de 1980.

João Antônio Baptista Soares
Foi casado com Maria Antônia Soares.
Faleceu em 10 de Maio de 1980.



João Azevêdo Vaz Velho

Houve «mocinha» de «Far»
Que, ao vê-lo embarcar,
Já não se pôde conter
E começou a dizer:
Onde Vaz tu, Velho «amigue»?
Fica na terra do «figue»
Vais-te embora por despeito?
Onde iremos arranjar
Alguém que tenha o teu jeito
Para nos saber «pescar»?

Tempos depois, em Lisboa,
O nosso João estudava.
Talvez por ser coisa boa
O Pai não acreditava.

Algumas tardes dizia:
Estou ralado! Que arrelia!
Hoje não posso estudar
Pois, à noite, vou sair.
E toda a gente sabia
Que, farto de trabalhar,
Ele se ia divertir.

Conseguiu uma proeza
Que a nossa história não reza:
Chegou cá Velho estudante
E vejam lá, num instante,
Sem réclame, sem rumôr
Surge-vos novo doutor.



Jorge Vieira

João Batista Ribeiro Guizado

Êste doutor narigudo
Não é muito mau rapaz,
Pretende saber de tudo,
Mas isso que mal nos faz?

Na praia anda vestido
Quási como o pai Adão
E 'stá mesmo convencido
Qu'ê um ás da natação.

Não deixa de ter razão
— A fama chegou lá fóra —
Pois dia sim, dia não,
Faz dez metros numa hora.

No que respeita ao passado
Foi muito conquistador;
Em Peniche dava brado,
Em Lisboa fez furor.

Agora, já mais maduro,
Tem outras aspirações
E vê-se já, no futuro,
Dominando multidões.

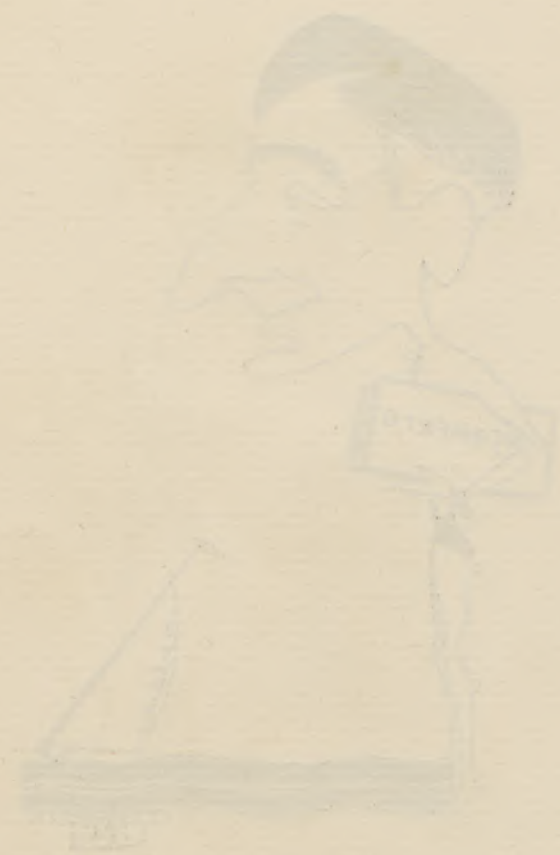
Tem muito boas esp'ranças
De conquistar o Poder
E Ministro das Finanças
Pensa um dia vir a ser.

Não lhe levemos a mal
Esta pequena vaidade:
Pois quem sabe se afinal
Não virá a ser verdade?

Maria Adelaide Henriques



João Batista Ribeiro Quinto



João Batista Ribeiro Quinto
Nasceu em 15 de Novembro de 1910
em São Paulo, Estado de São Paulo.
Foi casado com Maria Ribeiro Quinto.
Tinha dois filhos: João e Maria.
Faleceu em 10 de Maio de 1980
em São Paulo, Estado de São Paulo.
Foi sepultado no Cemitério de São Paulo.
Deixou uma filha: Maria Ribeiro Quinto.
Foi casado com João Ribeiro Quinto.
Tinha dois filhos: João e Maria.
Faleceu em 10 de Maio de 1980
em São Paulo, Estado de São Paulo.
Foi sepultado no Cemitério de São Paulo.
Deixou uma filha: Maria Ribeiro Quinto.

João Patrício

Meu camarada Gentil:

É modo antigo, tradição,
 Escrever, em verso,
 Humorístico ou lírico perfil
 Daquê que vai, talvez — sentir
 A própria sensação
 Diluir-se,
 Num altíssimo porvir.
 Ou antes
 Daquê que irá morrer
 Na alma de estudante,
 Para passar a ser
 — Valente caminhante.

São verdes os novos horizontes
E verde, ainda, o florir dos montes.

Falar da sua verve —
Do tédio invulgar do seu olhar.
Na elegância do trajar,
Dos seus vícios e virtudes.
Da sua terra natal,
Do amor e da amargura
— Não era mais, afinal,
De que marcar
Coisa vã, que nada serve.

Desvendar as sendas misteriosas
Dos escaninhos da vida,
Seria, apenas, traçar
Imensas relíquias,
Em tôrno duma ideia concebida.

Ha mundos nos seus versos,
De original ritmo
A transcender frescura :
 •FRAGMENTOS.
 •MADRUGADA.
E nos flagrantos •MOMENTOS.
Das suas •INCOERÊNCIAS.
— Espelha-se um raro ser :
Preciosíssimo espírito de esteta.

Nada mais posso dizer —
A vida luminosa
Dum artista e dum poeta
— Só Deus a sabe escrever.

Carlos Eugénio





João Severino do Canto Pereira Gago da Câmara

Permita-me o leitor que lh'apresente
Este doutor de ap'lido singular :
Nem gago, nem da Câmara dependente,
É o homem de que ora vou falar.

Na cabeça a natura não consente
Que ínfimo pêlo possa germinar ;
Mas faz-nos vêr qu' é muito inteligente
A sua testa que à nuca vai parar.

Eterno paladino do turismo
E das belezas do nosso Portugal,
Mas tudo nêle é puro ilusionismo.

Estou certo que a culpa não é sua,
Mas dessa testa infinda, colossal,
Que lhe faz projectar excursões à Lua...

Leal amigo



João Zaverino do Couto Pereira Gago da Câmara



João Zaverino do Couto Pereira Gago da Câmara
Nasceu em 18 de Maio de 1892, em Lisboa, Portugal.
Foi advogado e jornalista.
Foi deputado à Assembleia Nacional Constituinte de 1976.
Foi deputado à Assembleia da República em 1976 e 1979.
Foi deputado à Assembleia da República em 1983 e 1986.
Foi deputado à Assembleia da República em 1991 e 1995.
Foi deputado à Assembleia da República em 1999 e 2003.
Foi deputado à Assembleia da República em 2007 e 2011.
Foi deputado à Assembleia da República em 2015 e 2019.

João Teixeira Dias Costa

Em tudo é um portento, êste sr. doutor,
Desde os vinhos, às ciências exquisitas,
A todos expondo planos de ditador,
E falando de adegas reconditas.

De Macau, para Lisboa veio encaixotado,
Logo escolhendo, sem qualquer hesitação,
Quelhas 6-A, por o encontrar adequado
A discursos maldizentes — o maganão!...

Sua casa tem sido, qual novo harem,
Onde em estúrdias e loucas berrarias,
Hetaíras sensuais lançam suspiros cem (?),
Em patéticas e gráceis correrias.

De muitas coisas é sério inimigo:
Desde a negra sotaina até à alpaca fina.
Mas desculpa que te diga, meu bom amigo.
— Amoldam-se tanto à tua figura ladina!...

Libânio Pereira



Jorge Felner da Costa

Castelo! Muita atenção!
O Felner vai comandar!
E o Castelo, firme e quêdo,
Espera a voz qu'êlé há-de dar.

Cheio de aprumo e de garbo,
À sua voz de comando,
No velho campo de "basket"
Vai o Castelo marchando.

Castelo! À esquerda rodar...
E assim se chega ao portão,
Sente o Jorge, nesta altura,
Um "baque" no coração...

Em frente, numa janela,
Está Alguém p'ra o vêr passar.
E o Felner faz do Castelo
Muitos castelos no ar...



José Manuel Salema

Jorge Naves

Conquistador e grande excursionista,
Êste rapaz em tudo anda com sorte.
Só não chegou ainda... ao Polo Norte,
Mas é uma excursão que tem em vista...

Não é um alfenim, mas tem bom porte,
Por isso agrada à casta feminista...
Não nasceu, me parece, p'ra linguista...
Mas é dilecto filho de Mavorte.

E, assim — passe o termo camoniano
P'ra definir êste guerreiro lesto
E rechonchudo alferes miliciano.

Quanto a dinheiro, tem-no, embora honesto,
Sem nunca lhe faltar na roda do ano,
Ainda mesmo que êle seja... bissexto!

Eugénio Vieira



José d'Almeida Pombeiro

Finalista, como sempre, e nesta lida
Desenvolve com saber e tal valor
Chega ao termo da carreira, e sem favor
Alcança o Capitólio de vencida.

Intemerato na luta pela vida
Desportista «raffiné» de tanta fama,
Quer no rêmo, natação, êle proclama
O bom nome português da Pátria qu'rida.

E por isso só louvores lhe são devidos
P'la sua inteligência e assiduidade
Belos dotes já de todos conhecidos

Funcionário Superior dos mais queridos
Na Câmara Municipal desta cidade
Contabilista de lei, dos mais sabidos.



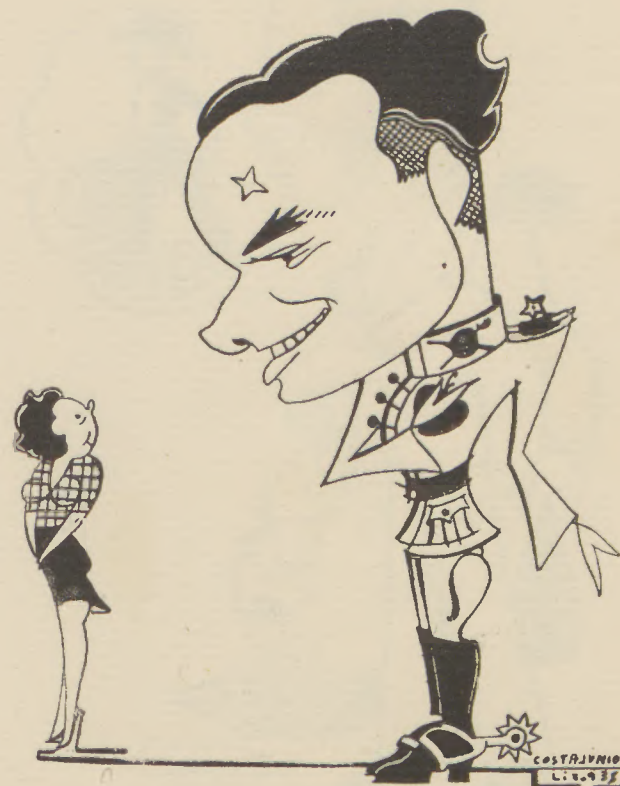
José Augusto Bilhota

Reparai neste dr. gentis leitoras minhas.
E vêde, com cuidado, a cara do Bilhota
De perfil; os queixos e o nariz.
Que surge aos olhos vossos, ó lindas Venusinhas?!
Reparai bem! excepto no crâneo e na bota...
...o resto é «segrêdo» e não se diz.

.....
Reparai bem, e digam sinceramente:
¿ Já viram tal «focinho» em corpo de gente?

.....
São muitos os defeitos do magano.
Só cumprimenta, (se é correspondido);
Caso contrário fica arrependido...
(Tamanha ousadia... é deshumano!)

Embora, mesmo assim tal como é,
Tem sedução, ainda é disputado.
(Que o digam as cachopas do «Chiado»
Onde vai gastar o seu magro pré
Em botões luzentos). Cinto a brilhar!...
Ê vê-lo. Todas à uma, seios a palpar:
— «Ai, Zé!... Ai, Zé!... Ai, Zé é é!...»



José Catarino Duarte

CARA NEGRA, OLHOS BRILHANTES
BOM RAPAZ, — VIDA PACATA.
DEVE DAR, SEGURAMENTE,
UM FAMOSO DIPLOMATA.

SUA INFALÍVEL PERÍCIA
À PROVA ÀS VEZES É POSTA.
VENCE MESTRES, VENCE MESTRAS,
QUER O BASTOS, QUER O COSTA.

OH! MEU AMIGO DUARTE,
HEI-DE VÊR-TE EM TODA A PARTE
SEMPRE O MESMO BRINCA LHÃO!
E SE EU NÃO ME ENGANAR
HEI-DE VÊR-TE FIGURAR
EMBAIXADOR . . . NO JAPÃO.



Nefo

José Firmino Martins Baptista Faria

Quando pequenos, loiros meninos, temos todos sonhos
lindos, risonhos.

E vemos: no pão, na luz, na côr azul dos céus,
a graça de Deus.

Em cada coisa — quimera radiosa —
Julgamos vêr obra grandiosa.

Sentimo-nos alegres ao vêr festejos,
Lindas grinaldas de diversas côres;
Recordar inocência nos amôres
E loucura nos primeiros beijos.

Homens... tudo se esvai. Aqui, além, em todos os caminhos
tormentos, dôres, espinhos!...

E tu, também, Firmino, sentiste vários desenganos
durante os 4 anos.

Ês, Faria, um autentico bloco de granito abrupto
Qual diamante em bruto.

Do curso de Finanças. Começaste a vida com «élan»
E colocas agora tudo a esmo!?...
Ai! perdeste o contrôle, de ti mesmo,
Causado por um maldito *Xependant*!



John Fleming Martin Baptista Faria

1871-1941

1871-1941

1871-1941

1871-1941

1871-1941

1871-1941

1871-1941

1871-1941

1871-1941

1871-1941



José Germano Peixoto da Costa Santos

Perfil quâsi romântico

Nascido em vêrdes campos de Lerêno
Ouvindo o Liz e Lena murmurar
— Ficou-lhe no olhar fulgôr serêno
e na ideias a ânsia de sonhar.
Da sua mocidade — que saúde
Recordar os dias lindos de festim.
Andou de riso, em riso, e nessa idade
Foi sempre arôma fresco de jardim.
É esguio, usa óculos, não é belo
— Belo não é, alguém lho disse um dia,
Mas irradia um mago ar singelo,
Que o faz senhor de grande simpatia.
Quâsi nú, na gravura bem se vê
A figura bondosa de nobreza.
Amigos o conhecem por «Donner»
— Sendo pobre não pode ver pobreza
É «dandy» nos sapatos e nas crenças;
Adora possuir lindas gravatas.
Imaginando ter muitas doenças
Toma na vida precauções sensatas.

Amante da sagrada Liberdade,
É inimigo público da rôlha
Para falar verdade, sem falsidade
Decora na sebenta fôlha, a fôlha.
E, ainda, evitando de mentir
Nunca se levanta para dar lição
— Fica sentado, alheio, a fingir
Meditar em grave cogitação.
Tem um sabôr amargo o amor na vida
— E nêle é mais amargo êsse sabôr.
É sempre um éco triste de partida
A prolongar-se no íntimo da dôr.
Mas no campo sublime d'afeição
Sua alma, por agora, se detem,
Entregando inteiramente o coração
Ao amor que dedica a sua Mãi.
Eis o perfil pálido e sem côr
— Um perfil traçado com levêsa,
Daquêle que vai, em breve, ser doutor
— Fazer da vida um salmo de belêsa.



Carlos Eugénio

Los Cuarenta y Nueve de Cuba



El primer día de la revolución
fue un día de gran alegría
por el triunfo de los rebeldes
que habían luchado valientemente
por la libertad de la patria
y por el fin de la tiranía
de los españoles.

El segundo día de la revolución
fue un día de gran tristeza
por la muerte de muchos héroes
que habían dado su vida
por la independencia de Cuba
y por el fin de la opresión
de los españoles.

José Guilherme Barrêto Pereira dos Reis

Prós *compichas* é o Zê,
Prós outros... o *grande* Reis.
Do *calibre* que êle é
Isso todos vós sabeis...

S'ê conquistador não sei,
Nem em tal quero falar...
Pois como amigo de lei,
Não o ia *atrapalhar*...

Portanto vos vou dizer,
Se a tanto vos apraz,
E sem o comprometer
Quanto êle é bom rapaz:

Um bom rapaz isso é,
Ninguém o pode negar;
Mas duma vaidade o Zê
Não se podia esquivar:

Do ping-pong aspirava
Vir a ser o *campião*...
Mas se comigo jogava
Perdia logo a ilusão...

Isto muito o aborrecia,
E ninguém o aturava;
Pois se diss' a gente ria
Logo nos desafiava!

Se ao ping-pong falhava,
Mas uma vez... Oh! azar,
Tampouco o *bico* calava...
Replava... pró bilhar.

Êle a tudo recorria
Sem nunca desesperar;
O *homem* não desistia,
Queria à fôrça ganhar...

Terminando agora o curso
Sem seu fim ter conseguido,
Dou-lhe mais um recurso:
Volta... quando fôres crescido!...

Mister E.



José Monteiro dos Santos

No monte o coelho vive descuidoso
Vida ideal,
Sabendo que o teu velho fusil ruidoso
Não lhe faz mal.

Na ribeira do vale, a truta malreira
Espreitando o sol
Come-te a isca e — por brincadeira —
Suja-te o anzol.

Dêsses inocentes que n'aldeia persegues
Não tenho pena, não!
Pois tenho a certeza que nunca consegues
Deitar-lhes a mão.

Mas da patrão que, ingênua, te admira
Em sua pensão,
Eu tenho tal pena que de dor me palpita
O meu coração.

Em honra de Baco, devoto sacrificas
Pichel a pichel.
Se assim continuas, em breve tu ficas
Um grande tonel.

Como o coelho, ao fusil do mestre
Tens escapado
E vencendo cadeiras, vais finalmente
Ver-te formado

Que na vida encontres, com bom provento
Sólido abrigo,
É o que mais te deseja, neste momento
O teu amigo



Moreira da Cunha

Luís Manuel de Bragança Correia de Sá

Francês, Civil, Economia,
Finanças, Inglês, Comercial,
Propedêutica, Alemão, Geografia,
Contabilidade, Cálculo Actuarial.

Saber isto, e *muito mais*, de cór.
Fazer contas, todo o dia, à meza...
Digam lá, se não é muito melhor,
Uma bôa Tourada à *portuguesa*?

Ser Economista...
Que triste fim me foi dado!
A mim, que só tinha em vista
Raparigas, touradas e o fado.

A. L.



Las Manual de Begonia Concha de 24

El presente Manual de Begonia Concha de 24, es un libro que contiene una gran cantidad de información sobre esta planta, desde su historia hasta su cultivo y uso.

Este libro es una obra de gran valor para los amantes de la jardinería y la botánica, ya que proporciona una visión completa de esta hermosa planta.

El libro está dividido en varias secciones, que abarcan desde la historia de la Begonia Concha de 24, hasta su cultivo y uso en la jardinería.



Luiz Marinho

Ê az em tudo :

Nas viagens, nas contas e na ciência,

Nos rasgos oratórios, na divina paciência.

Defende a Educação e a vida no Barreiro ;

E era vê-lo, então, em dias de nortada,

À proa do navio, fazer a sua entrada

No Caes das Colunas.

O novo Messias, qual D. Sebastião,

Procura redimir Portugal d'affeição

Com contas do Viegas,

A tudo êle aplica os saldos do balanço

Ê a permanência d'inventário — (não afianço)

Infeiramente às cegas !

Vai reinar, enfim, com tal gerente,

A ordem disciplinada, o poder da evolução ;

A força criadora e o valor da gente.

Esta é a verdade : salvo êrro & omissão.



Vadocha

Luiz dos Santos Pinto

Da branca capital alentejana
Veio até nós menino e moço, o Pinto
E aqui estudou, cresceu, fez-se doutor
E agora para lembrar a sua lida insana,
A sua mocidade, *
Quando já velho, os filhos em redor,
Mandou botar figura e palavrório,
No livro da Saudade.

Vêde a caricatura, que passo tão seguro
Que linha e distinção, um novo já maduro
No refletir, no estudo e no pensar.
Mas não sei inda bem se a sua segurança
É mais forte e mais viva quando avança,
Ou quando dos seguros vai tratar!

Só ha um quâsi nada que desfeia
As suas proporções de tipo reforçado,
De colosso sem par!
É o modo arriscado como ondeia
Dêsde a cabeça aos pés, qual frágil caniçado,
Em risco de quebrar!

Em duelos galantes de floridos amores
Fez mais do que Tenório, melhor que Casanova;
Fez do seu coração jardim de raras flôres
Em que amor nasce, cresce e se renova.
Ouvi porém dizer,
Que nêsse parque sempre em plena floração,
Existe um pequenino recanto acarinhado,
A mais não poder ser,
Onde cresce olorosa entre a vegetação,
Planta que se transforma, filha do seu cuidado,
Num rôsto doce e meigo de mulher!



but has 200000



The first of these is the
fact that the number of
cases of the disease is
very small. It is only
in a few cases that the
disease is fatal. In most
cases the patient recovers
after a short period of
illness.

The second of these is the
fact that the disease is
very contagious. It is
spread by contact with
the patient or by contact
with the secretions of the
patient.

The third of these is the
fact that the disease is
very difficult to treat. It
is necessary to isolate the
patient and to give him
careful nursing.

The fourth of these is the
fact that the disease is
very difficult to prevent. It
is necessary to avoid contact
with the patient and to
avoid contact with the
secretions of the patient.

The fifth of these is the
fact that the disease is
very difficult to cure. It
is necessary to give the
patient a long course of
treatment.

Manuel José Podence

Trecho de uma carta

Bragada, Junho de 1938

Querida amiga minha,

Recebi

A tua carta de ontem que agradeço
E pelo que me dizes compreendi
Que não podes cá vir como eu te peço.

É pena. Que terias, com certeza,
Uma quadra excelente p'ara passeio,
Para mais o Podence mais a T'reza
Chegaram ha três dias no «Correio».

Andava tôda a gente como louca
Por saber que o Podence era «doutor»
E já corria aqui, de bôca em bôca,
Que recebera mil cartas de amor.

Se visses os festejos que fizeram
Ao entrar o comboio na estação!
Cálcula que as pessoas tantas eram
Que alguns dizem passavam de um milhão!...

Bem gostava, querida, de contar-te
Tôda essa recepção feita a primor:
Foguetes, luz, balões, por tôda a parte
E até fez um discurso o regedor.

Hoje houve em sua honra uma caçada
E foi êle o melhor (já se previa),
Tão feliz que as perdizes por um nada
Acabavam de vez na freguesia...

.....

Pela cópia indiscreta,

R. Nane



Manuel José Rodón



Manuel José Rodón
was born in the city of
San José, Costa Rica, on
the 15th of January, 1900.
He studied at the National
School of Music, where he
received his diploma in
1925. He has since then
been active in the musical
life of his country, and
has composed many songs
and instrumental pieces.
He has also given many
concerts and has been
very popular with the
public. He is now living
in San José, Costa Rica.

Manuel José Stichaner Lacasta

Estudei o Weiss, o Fiore, o Despagnet e o Sillet,

A lex fori com tôda a fé ;

Li o Vilela, do Savigny recordei tudo, afinal

P'ra não saber, ainda, donde és tu natural.

Chamei em meu auxilio a lei da sucessão,

E nela vi que tens costela d'alemão.

Deduzi do Mancini e do tratado de Briólli

Outra costela — a d'espanhol.

Cá, ao abrigo dos art.^{os} da nossa lei

Exerces profissão de conserveiro.

Exportas tudo: dês as sardinhas passando p'lo chá-mate.

(Ganhando bons proventos em dinheiro).

E se mais queres ganhar... — eu sei!

...É já exportares-te em calda de tomate.



Vadocha

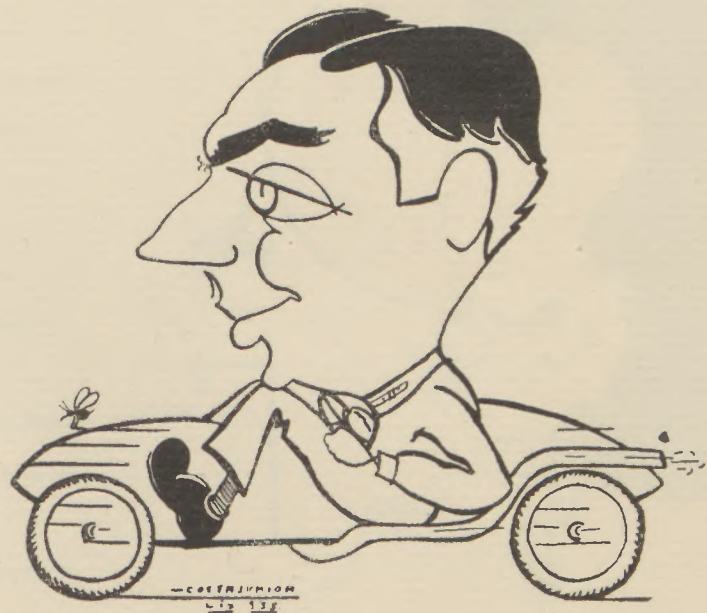
Manuel Rodrigues Cardoso

Tem uma alma pura, de menina
Dentro dum corpo enorme, avantajado ;
Olha a gente p'ra êle e não alina
Co'a a causa do crescer desabalado.

Mas, um dia, alguém de argúcia fina
Explicou porque anda êle tão bem tratado :
É que o Manel, Senhores, tem uma mina...
De arame fino, grosso e até farpado !!

E hoje de estudante e de... mineiro
Êle passa a doutor e financeiro,
A quem desejo a vida não desande,

E se assim fôr, decerto não o comem,
Pois se não vem a ser um grande homem,
Há-de ser sempre, sempre... um homem grande !



Manuel Rodríguez Cardona

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970

1900-1970



Maria Albertina Marques de Oliveira Botelho

Não sei ainda o que lhe vou dizer.

Irritar a vaidade feminina

É coisa para temer.

Mas seria capaz de me arriscar

A falar-lhe na 5.^a cadeira,

Onde o Bastos, com ácidos e sais,

— Falar nisto talvez seja uma asneira —

Não a queria deixar mais.

É um assunto que já deu que falar,

E bem vê, como diz o Lino Neto,

Eu, apesar de ter que a criticar,

Pretendo ser correcto.

Disseram-me que gosta de juntar

Os namorados zangados.

Faz bem em protegêlos. Coitados!

Revela uma alma bôa

E um bom coração.

Pois não foi essa a missão

Do nosso Santo António de Lisboa?

Você nasceu na terra onde ha a Foz,

A ponte de D. Luís e o Bolhão,

Mas Santo Antonio, pelo coração,

É de todos nós.

Faço votos Maria Albertina

Para que um dia, ainda venha a ser,

Quebrando a velha e feia rotina,

Diplomata, no país

Para onde quizer ir viver.

Embaixadora, não Embaixatriz;

Se quizer ser embaixatriz no lar,

Bastar-lhe-á apenas casar

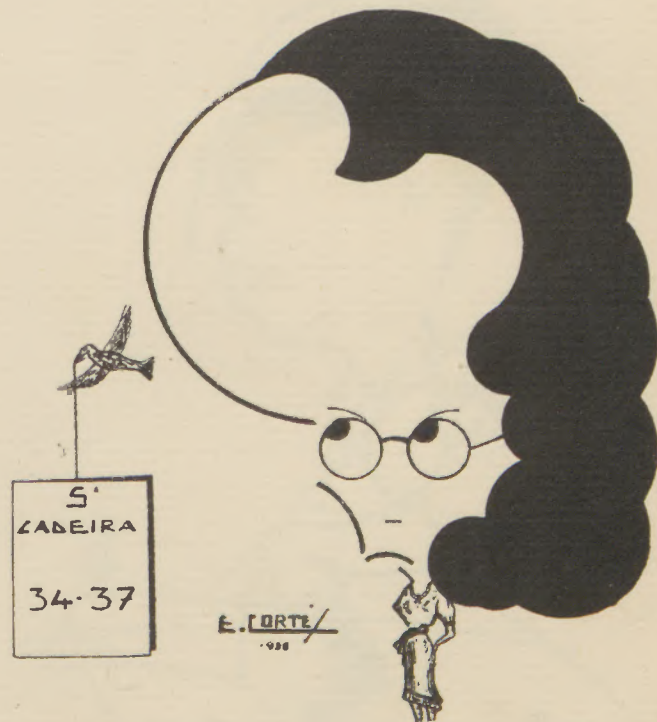
Com um embaixador dum Reino Unido.

E o tempo que você esteve a estudar

Foi tempo perdido.

Digo-lhe adeus, perdõe a maluqueira

Do seu velho colega



Jorge Vieira

Matias de Oliveira Dias da Costa de Araujo Lima

Vai-te lixar! Mas que bolas!
Tu não vês que ela é papissima!
Não vês! Ora vai-te encher de môscas!
Eu, quando a vi, fiquei banzo!
Olha: coca-a bem de lado...
Que andar tam delicado!

*(É assim que fala o Matias
a respeito da miúda
que já conhece há dias...)*

Eh! pá! O que o tipo descascou!
Aquilo é que foi basto milho!
Irra! Eu já estava chateado
de vêr o ponto a beber
com um ar tam desgraçado!

*(Eis a conversa do Lima
a contar uma cena de pancada
por êle presenciada...)*

O Bernardo é uma fêra!
Aquilo é que é pastilha!
Atira cada balazio
que o pobre do Azevêdo
se farta de andar à brocha
apesar de ser bem duro
e de nunca cortar prêgo
a qualquer tipo maduro!

*(Esta é a linguagem
da conversa desportiva
com grande força de imagem...)*

Por falar de foot-ball...
É doido por êste jogo,
maluco do Belenenses...
E é capaz de dizer
O nome dos jogadores
com o respectivo apelido
e aquêlo que é mais temido,
dos grupos da promoção
da India ou das Molucas,
do Hawai ou do Japão!

Enfim! É um tipo bestial!
Que tem bonitas gravatas,
muitas duzias de camisas
e uns sapatos medonhos...
Que anda sempre na lua,
atrás de estampas de sonhos,
e que delira acordado
aquêlo fado marcado
que o persegue na casa,
que o acompanha na rua.

Palavras não eram ditas,
quando vieram dizer-me
que eram horas de acabar...
Por isso, velho Matias,
aqui fica a despedida
tam sincera e verdadeira
como a força da corrente
do rio a correr p'ró mar...



João

Maurício Varela Pinto

Nos corredores sombrios e compridos
Do palácio do Quelhas, afamado.
Eis um estrépito medonho, que ressôa!
É um barulho estranho, capaz de entontecer,
Mas que a ninguém surpreende
Nem faz estremecer...

É o Maurício Varela, que se assôa!

Se algum dia o virdes de cabeça ao lado
E torcidos os lábios, num trejeito,
Os olhos a piscar, nariz desmesurado,
Fugi, correi!
Porque grande tempestade se aproxima
E afinal naufraga na primeira esquina!

Loiro, d'olhos claros,
Reflectindo com verdade
A alma pura dum bebê rosado,
Uma voz de trombone, ou contrabaixo,
É o colarinho sempe arrebitado,
Passa umas vezes p'rá Esperança
Outras, tem *esperança* no Pôrto;
Sempre por causa, ou d'alguns olhos verdes,
Ou porque então são Verdes as *janelas*...

Tôdas, porém, candidatas a *Varelas*!

Não sei que dizer mais.
Tu perdôas, Maurício, a trapalhada
Mas a culpa é só tua. A minha lyra é virgem,
E sempre aconteceu às virgens o fugirem,
Modestas, com rubôr, frente às mulheres fatais!



Anibal de Vasconcelos

Mauricio Varela Pinto



1. Introducción
2. Objetivos
3. Metodología
4. Resultados
5. Conclusiones

6. Bibliografía
7. Anexos
8. Índice

9. Resumen
10. Abstract
11. Palabras clave
12. Resumen ejecutivo

13. Conclusión
14. Recomendaciones
15. Referencias

Miguel António Rodrigues

D'ra «Académica», em menino,
Foi quando era pequenino,
De perna à vela — que amor!
E como um e um são dois
Tornou-se sábio e depois
Foi d'aluno a professor!

Faz mensagens a primor,
Mensagens mesmo d'amor,
Este funcionário ardente...
Quando cheio de carinho,
Desenha devagarinho,
Com a «Conklin» permanente!...

Num trabalho resoluto
Manuscreveu o «Estatuto
Do Trabalho Nacional»,
Antes já fôra banqueiro
Com um lugar lisongeiro
Num Banco da capital!...

Mas agora é já Doutor:
Na vida quem tem valor
Mostra-o sempre à vil gentinha...
Por isto quando êle passa
Eu tenho orgulho na raça
Que é a dêle, a nossa, a minha!

Carlos Barela



Miguel Augusto Rodrigues

Até ha coisa de um ano,
Por ter nascido em Bragança,
Chamavam-lhe Brigantino.
Mas, depois, houve mudança,
E mudaram-lhe o destino
Chamando-lhe Bragançano.

Seu bigóde, façanhudo
Como os capitães de outrora,
Já andou pelo mar fóra,
Já foi a África e tudo.

Então, na caricatura,
Quizeram pô-lo de tanga
Por causa dessa aventura
la havendo séria zanga.

Tem, porém, uma mania
Que não lhe bóle no tino,
Pois é bastante atilado:
De manhã, mal rompe o dia,
Ei-lo já, todo enfronhado
No que diz o vespertino.

Todo se morde e se arranha
Se acaso, ao lêr o jornal,
Não dá logo com o local
Onde ha noticias de Espanha.

Jorge Vieira

D. S. — Eu chamei-lhe vespertino
Em lugar de matutino
Porque às vezes, com furôr,
Êle descobre e vai vêr
Que o jornal que estava a lêr
Era o da tarde anterior.



Michael Augustus Rodriguez



Nuno José de Freitas

Meninas, tende cautela
Com êste jovem doutor
Porque na rua ou janela
Sempre êle é conquistador.

«Se fôr loira muito bem,
«Se morena não me rala
«Se alta gosto também
«Se baixa posso amá-la.

«J' amanhã, quando sair
«De oferecer eu bem prometo
«A quanta moça eu vir
«O meu célebre soneto.

«Mas s'isso não lh'agradar,
«Posso avivar-lhe a memória
«Começando-lhe a contar
«Dos olhinhos a história.

Tem fala meiga e doce,
Diz bem aquilo que quere
Aprende fosse o que fosse...
Tenha cuidado, mulher.

E fique-se sempre com esta
Se é leitora a sua amada:
Amigo e grande poeta
Êle é um bom camarada.

Mas... já a devo avisar,
Qu'eu cá não quero sarilhos:
...Disse que quando casar
Quere ter mais de 15 filhos.

Ilídio Nogueira



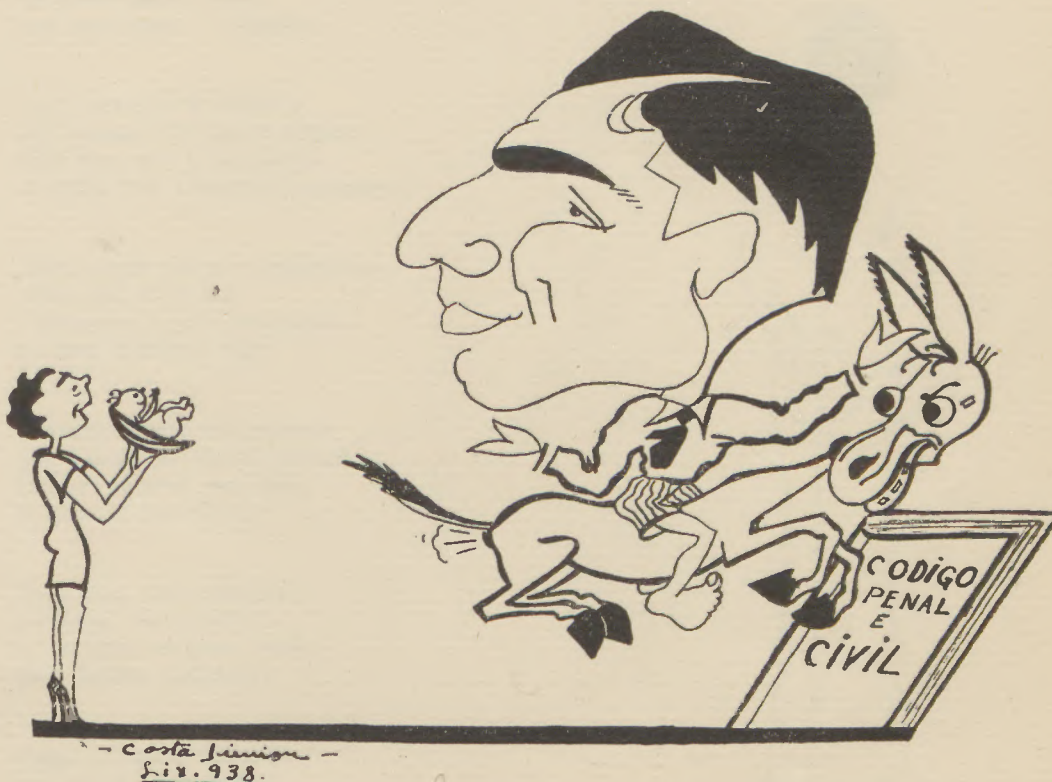
Octávio de Carvalho Cruz

Tem da vida concepção estranha
E em tudo julga havêr
Os frutos da glória.
Loucura a sua!... Aos palpos de aranha,
Por certo se há-de vêr
Na percepção da história.

Gosta de vinhos, águas cristalinas,
Tem a mania das graças femininas...
E a amargura da triste realidade!

.....
Sonha com códigos, só lê decretos;
Crimes d'estupro; outras violações.
Coloca agora — *d. r.* — nos cartões
E basófia em casos *mui* incertos.

Encanudado, zás, abala da cidade,
Deixando em seu lugar um laivo de saúde
E nos ouvidos nossos, acordes de travôr:
«Coitado! como rapaz... é um horrôr».



Vadocha

Octávio Marques Ferreira

Galã de linhas modernas,
compostura não lhe falta;
mas o tamanho das pernas
dá-lhe aspectos de pernaltã.

Teve por berço a Madeira
e, por muito lá ter estado
à sombra da bananeira,
tem êste ar «abananado».

Deixando a «Ilha» fagueira
aportou ao Continente.
E, cá em Lisboa, o Ferreira
faz um ferro a muita gente...

Fez desta terra um harém
e nas famílias, destrôço.
Talvez por isso não tem
mais do que a pele e o ôsso...

Quando passa, com razão
dizem as mães para as filhas:
— fujam dêste pardalão
que é o Rasputine das Ilhas!

Como hoje em dia o rapaz
não tem, por cá, quem o queira,
deitou a vista voraz
p'ra mais além da fronteira.

Sendo embora patriota,
lançou-se na empresa homérica
da propaganda devota
por uma união... ibérica...

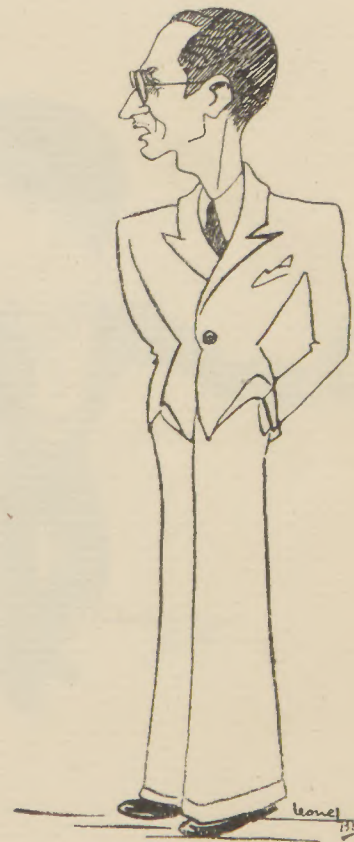
— E, nessa fúria teimosa
nem sequer vês que te enganas;
olha bem que é incesituosa
a união com «nuestras hermanas»!

Mas, desde que tu «embarques»,
como por aí se diz,
é de supor que tu «marques»
e sejas, Marques, feliz.

Pressagio, para teu consôlo,
que hás-de ser cônsul afamado,
(o que, decerto, meu tôlo,
te deixará consolado!).

Tens essa vida indicada:
ês afável, és correcto;
só te falta um quási-nada
para ficares completo:

Rapa o bigode disforme
que tão horrível te fica,
porque faz-te a bôca enorme
e, segundo dizem... pica.



Octavio Alejandro Ferrero

1910-1911
1912-1913
1914-1915
1916-1917

1918-1919
1920-1921
1922-1923
1924-1925

1926-1927
1928-1929
1930-1931
1932-1933

1934-1935
1936-1937
1938-1939
1940-1941

1942-1943
1944-1945
1946-1947
1948-1949

1950-1951
1952-1953
1954-1955
1956-1957

1958-1959
1960-1961
1962-1963
1964-1965

1966-1967
1968-1969
1970-1971
1972-1973

1974-1975
1976-1977
1978-1979
1980-1981

1982-1983
1984-1985
1986-1987
1988-1989

1990-1991
1992-1993
1994-1995
1996-1997

1998-1999
2000-2001
2002-2003
2004-2005



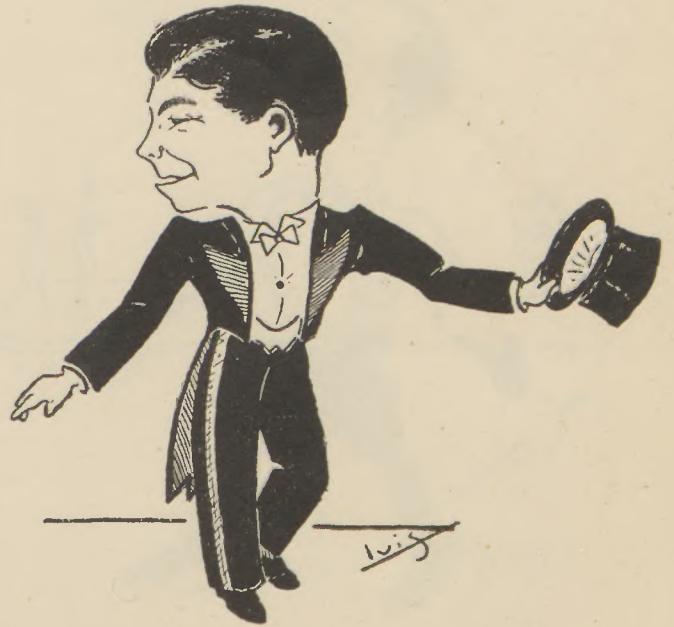
Pedro de Brito e Cunha

Êste futuro diplomata
Quem é que não o conhece ?!
Apressado e cheio de sôno
Às aulas tarde aparece !

Ê um verdadeiro «sportman» . . .
de alma e coração ! —
No Golf é um artista
Do Hockey um sabichão !

Gosta de estudar repimpado
Prestando muita atenção . . .
Mais aos *foxes* inglêses
que ao livro sebentão.

E agora Rapaziada —
Vos digo p'ra terminar.
Ê exímio dançarino
Aqui o vêdes a bailar.



Rechts der Ehe und Familie



Die Ehe ist ein Vertrag zwischen Mann und Frau, der die gegenseitige Treue und die Erziehung der Kinder zum Inhalt hat. Sie ist die Grundlage der Familie und wird durch das Gesetz geschützt. Die Ehepartner haben die Pflicht, sich gegenseitig zu unterstützen und zu versorgen. Die Ehe kann durch Scheidung beendet werden, wenn die Ehepartner nicht mehr zusammenleben können. Die Scheidung ist ein gerichtliches Verfahren, bei dem die Ehe aufgelöst wird. Die Scheidung hat Auswirkungen auf die Unterhaltsverpflichtung und die Verteilung des gemeinsamen Vermögens. Die Ehe ist ein zentraler Bestandteil des bürgerlichen Lebens und wird durch das Gesetz geschützt.

Rui Maria Viana da Costa de Carvalho Fürstenau

De carro andando ligeiro
O nosso amigo em questão
Com seu porte altaneiro
É um grande figurão.

Por pouco não faz asneiras	Às vezes 'stá mal disposto
A estudar não é forte	Ao castigar as pequenas
Faz tangentes às cadeiras	Mas nunca teve um desgosto
Mas nunca passa com sorte.	Nem sofreu por isso penas.

Anda sempre interessado
Em passeios para o Ginjal
E afirma extasiado
Qu'isso nunca lhe fez mal.



Rui Maria Viana da Costa de Carvalho Fontenau

1.º de Maio de 1900
2.º de Maio de 1900
3.º de Maio de 1900
4.º de Maio de 1900

5.º de Maio de 1900
6.º de Maio de 1900
7.º de Maio de 1900
8.º de Maio de 1900

9.º de Maio de 1900
10.º de Maio de 1900
11.º de Maio de 1900
12.º de Maio de 1900



Teófilo Alves Pereira

Entre os varões esforçados
Que, nas lides financeiras,
Se tornaram celebrados
Por multíssimas maneiras.

'stá o Teófilo amigo,
Economista amador,
Por todos bem conhecido,
Desde o Pereira ao Director.

É da escola de *Payot*
E teimoso sem rival,
Mas 'studante *comme il faut*,
Metódico e pontual.

Amigo de literatura,
Também gosta de remar,
E mantém certa ternura
Pelo estilo epistolar.

Por vezes, a discutir,
Perde a calma habitual;
Mas logo a retoma a rir,
Dizendo: «não foi por mal!...»

Camilo Gômes



John A. Davis

John A. Davis
1871-1941

John A. Davis
1871-1941

John A. Davis
1871-1941

John A. Davis
1871-1941

John A. Davis
1871-1941

John A. Davis



Vasco Homem de Gouveia e Sousa

Nasceu à sombra dum cacho de bananas
e doutros frutos exóticos
de conformação bizarra
e aspecto concupiscente.
Talvez por isso teve anseios estrombólicos,
fez namôro às cigarras
e eram de intenções maganas
os seus gestos de inocente.

Apegou-se o Vasco à terra-mãe,
e ama com tôda a força das entranhas
o solo natal, a crôsta, o casco...
Creio mesmo que tens
rancor às pátrias estranhas:
— É um nacionalista — Vasco!...

Nascendo em semelhante paisagem,
onde seus vagidos ressonavam ecos,
quais rugidos de animal selvagem,
não quiz ser tomado por antropitecus:

— D'ra que por homem o tomem
é que o Vasco é Vasco Homem!

Por isso já lhe ouvi por várias vezes,
— firme o timbre da voz, altivo o porte —
quando tem que enfrentar grandes revezes:
— Quando a má sorte me ataca,
eu posso andar com má sorte,
mas não com sorte... macaca!

Parece-me que há-de ser embaixador
no Mandchukoo, no Sião ou na Silésia...
Talvez ministro, talvez rei, talvez imperador
— como Carlos Magno, o Vasco Magnésia!

«Elas» vão ficar assim!
(agora faço o gesto com os dedos...)
e por não tê-lo, de raiva se consomem...
Eu se fôsse fêmea, guardava-o para mim,
e gritar-lhes-ia com modos azêdos:
— Meninas, larguem o Homem!

J. Costanór



Vasco Homem de Gouveia e Sousa



...e a sua vida...

...e a sua vida...

...e a sua vida...

...e a sua vida...

...e a sua vida...

...e a sua vida...

TÊRMO DE ENCERRAMENTO

Silêncio! Tudo findou

Até o curso acabou.

E agora muita atenção:

Êste Livro, que aqui está

P'ró futuro lembrará

Os tempos que já lá vão.

T. Pimenta

